



OS (IN) DESEJÁVEIS: DISCUSSÕES SOBRE A VIOLÊNCIA DISCURSIVA NA IMIGRAÇÃO DO PÓS-SEGUNDA GUERRA MUNDIAL

Doi: 10.4025/8cih.pphuem.3738

Rodrigo dos Santos, UEM

Resumo

A migração é um fenômeno que depende de inúmeras variáveis. Em meio à complexidade deste fenômeno no fim da Segunda Guerra Mundial emergiu um grupo específico de imigrantes. Judt (2008) aponta que o legado desta guerra não foi à destruição material causada, mas milhares de pessoas deslocadas ou refugiadas, devido às ações da Alemanha Nazista. Perto do fim da guerra esses sujeitos foram alocados em campos de acolhimento até o retorno ou o encaminhamento a novas moradas. Entre as várias violências que ocorriam nestes campos encontrava-se o processo de filtragem realizado pelos aliados que determinava quem tinha ou não direito de abrigo e receber auxílio. Shephard (2012) aponta que esse processo ocorria de maneira insatisfatória, pela forma aligeirada que era realizado ou pela criação de histórias de vida por parte dos sujeitos entrevistados. É neste contexto que a família Egert imigrou para o Município de Guarapuava, no Estado do Paraná. Diante disso, esse trabalho, que é uma pesquisa em andamento, objetiva neste texto discutir a violência discursiva promovida contra os imigrantes no pós-Segunda Guerra Mundial. Ampara-se em material empírico e especialmente nos estudos de Shephard (2012), Bauman (2017), Peres (1997) e Seyferth (2011). Como resultados destacam-se a violência sofrida pelo imigrante do pós-Segunda Guerra Mundial com a estigmatização advindo das denominações: alienígena, bom ou mau elemento, seres nefastos, neuróticos de guerra, parasitas humanos, imprestáveis, entre outras. Os imigrantes no Brasil foram recebidos, desde que auxiliassem os nacionais, especialmente na indústria e na agricultura.

Palavras Chave:

Discurso; Imigrantes; Segunda Guerra Mundial; Violências.

Introdução

Como afirma Bauman (2017) a migração em massa¹ não é um fenômeno recente, ela acompanha a humanidade desde os primórdios, entretanto com o período histórico muda a frequência e a direção. Na sociedade atual a convivência com a migração se faz presente com o que está sendo denominado pelos noticiários de televisão e jornais como a “crise migratória”, em que ocorrem o afogamento de crianças², muros e cercas sendo construídos³, campos de acolhimento superlotados⁴. Com isso, têm-se um movimento migratório em direção à Europa. No pós-Segunda Guerra Mundial ocorreu um movimento inverso da Europa para as demais partes do globo.

Esse movimento de migração que gerou pessoas redundantes⁵ possui origem antes mesmo do fim da Segunda Guerra Mundial (1939-1945). Segundo Judt (2008) as dificuldades não foram apenas ocasionadas da destruição causada pela guerra, mas igualmente pelo grande contingente de pessoas longe de suas casas e com dificuldade de regressar ou encontrar novas moradas. Os pesquisadores Judt (2008) e Shephard (2012) apresentam aspectos do pós-guerra e da dificuldade de assentamento ou reassentamento das pessoas deslocadas, refugiadas ou *displaced persons*.

Conforme esses autores, o deslocamento de pessoas de seus países de origem começou durante o processo de ocupação de territórios pela Alemanha Nazista. Inicialmente os nazistas promoveram programas de voluntariado para o trabalho na Alemanha, ou a exploração dos sujeitos em seus países de origem. Com a proximidade do fim da Segunda Guerra esse trabalho forçado foi realizado na Alemanha. Na desocupação desses locais, os aliados⁶ criaram campos de acolhimento até que os governos dos países de origem providenciassem o transporte ou se encontrassem novas moradas para os indesejáveis ou os sujeitos sem Pátria, devido à nova reconfiguração europeia (JUDT, 2008; SHEPHARD, 2012).

Segundo Shephard (2012) a maioria desses campos de acolhimento se concentravam na Alemanha, Áustria e norte da Itália. Esses campos eram improvisados de forma precária, ou tinham sido espaços militares ou antigos campos de concentração. Além disso, é relevante mencionar que nestes campos ocorriam várias formas de violência. As violências podiam ocorrer de uma habitante do campo com outro, repatriações forçadas, ou ainda das Organizações Internacionais responsáveis por esses campos.

A violência, ainda conforme Shephard (2012) começava com a permissão do acesso ao campo, no

¹ A migração em massa pode ser entendida como o deslocamento de um elevado número de pessoas (OIM, 2009).

² Repercutiu na imprensa mundial, inclusive com uma charge do jornal francês satírico Charlie Hebdo, a morte do menino Sírio Aylan, de três anos de idade que se afogou em setembro de 2013 (SANTOS; LIMA, 2015).

³ O Reino Unido anunciou em setembro de 2016 a construção de um muro para evitar a entrada de imigrantes em seu território. Nesta esteira o governo estadunidense está envolto em uma polêmica sobre os custos de um muro para barrar a entrada de imigrantes mexicanos (MARS, 2017; A CRISE..., 2016).

⁴ Na atualidade um exemplo de campo de acolhimento lotado é o da Tanzânia que recebe por dia uma média de 600 refugiados (Falta...; 2017).

⁵ Conforme Bauman (2017, p. 9) as pessoas redundantes são aquelas “localmente inúteis, excessivas ou não empregáveis, em razão do progresso econômico; ou localmente intoleráveis, rejeitadas por agitações, conflitos e dissensões causadas por transformações sociais/políticas e subsequentes lutas por poder”.

⁶ O grupo denominado de aliados, oposto ao Eixo, foi constituído especialmente pelo Império Britânico, União Soviética e Estados Unidos.

processo denominado de filtragem⁷. Houve três classificações para esses sujeitos: deslocados, refugiados e colaboracionistas. Os deslocados eram aqueles que tinham Pátria para o retorno e ficariam de forma provisória no campo de acolhimento. Os refugiados eram àqueles que não tinham Pátria ou eram perseguidos politicamente e no seu retorno não ocorria garantia de sua vida. Já os colaboracionistas, eram os que se acreditava terem colaborado com o Nazismo e não tinham acesso aos campos de acolhimento, especialmente os alemães acreditava-se que deveriam ser absorvidos pelas localidades.

Esse mesmo pesquisador aponta que esse processo não ocorria de forma satisfatória, pelos processos “aligeirados” ou por táticas⁸ dos candidatos aos campos de acolhimento. Essas táticas ocorriam quando os sujeitos, na perda de sua documentação, criavam histórias sobre sua origem que eram aceitas pelos fiscais para terem acesso ao campo (SHEPHARD, 2012).

As táticas de proteção durante e após a guerra eram frequentes, a pesquisadora Frotscher (2011) apresenta um exemplo de tática neste período. Ao entrevistar Ruth ela destaca que a mesma quando abordada por um norte-americano apresentou uma carteirinha de vacinação brasileira. Isso permitiu que os identificados como alemães fossem obrigados a dormir no chão, pelo fato dos soldados terem tomado as camas dos alemães, a entrevistada e o seu filho continuaram dormindo em suas acomodações. A afirmação identitária da

entrevistada de sul-americana pode ter sido influência do período (1946/1947) que ela viveu num campo de acolhimento com boa parte de seus habitantes sul-americanos. Essa identificação com os demais foi uma tática para permanecer neste campo e para não ser estigmatizada⁹ pela sua origem alemã.

De acordo com Judt (2008) o último campo de acolhimento foi fechado em 1957. Antes disso, os sujeitos que não conseguiram ou foram obrigados a retornar, foram encaminhados a diversos países num programa de reassentamento e repatriação¹⁰. Entre os países que acolheram esses imigrantes oriundos do pós-Segunda Guerra Mundial encontram-se Austrália, Canadá, Estados Unidos e o Brasil. No Brasil esses sujeitos se fixaram em maior número nos Estados de São Paulo e Paraná, sendo recebidos para desenvolver atividades na indústria e na agricultura.

É com esses apontamentos, a utilização de periódicos e com a perspectiva da Análise de Discurso que se constrói essa narrativa histórica. Entende-se o Discurso não apenas como língua ou gramática, mas a língua fazendo sentido na relação da linguagem com a sua exterioridade numa proposta em que o político e o simbólico e conseqüentemente a ideologia se confrontam e criam novos sentidos. Além disso, é relevante frisar que os discursos não são apenas pronunciados, mas escritos ou imagéticos (ORLANDI, 2012). Toda fonte ou as apropriações que se fazem a partir dela carregam discursos. Neste caso em específico analisam-se os discursos nas denominações/violências

⁷ Esse processo também foi conhecido de skryning, pronúncia equivocada de screening que no português significa filtragem ou blindagem.

⁸ Entende-se Tática na perspectiva de Certeau (1998, p. 101): “A Tática é a arte do fraco”, uma forma de resistência a Estratégia promovida pelos agentes do Estado.

⁹ A estigmatização é entendida como a atribuição a um grupo de crenças negativas ou descrédito (BAUMAN, 2017).

¹⁰ Judt (2008) aponta que até 1947 ocorreu a repatriação forçada no continente europeu. Esse processo era realizado pelos aliados que enviaram por volta de 2 milhões de cidadãos soviéticos à força. Esses cidadãos eram recebidos pela NKVD (Comissariado do Povo para Assuntos internos da União Soviética), sendo executados ou encaminhados para campos de trabalhos forçados, exílio na Sibéria e Batalhões de Engenharia de Construção.

simbólicas aos imigrantes.

Objetivos

Esse texto possui elementos do projeto de tese: “A imigração e trajetória dos Egerts em Guarapuava, Paraná (1949-1990)” em andamento pelo Programa de Pós-Graduação em História (PPH) da Universidade Estadual de Maringá (UEM). O objetivo do projeto é analisar os diversos discursos (escritos, imagéticos e orais) sobre a imigração e trajetória dos Egerts no Município de Guarapuava (PR) compreendidos entre 1949 e 1990.

Neste texto, especificamente, se discute a violência discursiva promovida contra esses imigrantes que adentraram o Brasil no pós-Segunda Guerra Mundial. Tendo em vista o referencial teórico e as fontes que apontam para essa direção.

Resultados

Segundo Peres (1997) que analisou a *Revista de Imigração e Colonização*, o discurso oficial do Estado e as matérias de jornais de grande circulação (1945-1955) apresentam algumas denominações que eram reproduzidas em artigos nesta publicação. As denominações apresentadas nos artigos do periódico eram: estranho, egressos de guerra, psicopatas incubados, alienígena; bom ou mau elemento; desejável ou indesejável; escória da humanidade, tarados, perturbados, neurosados, psicopatas incubados, inúteis, reprodutor. Acreditava-se que era preciso selecionar o imigrante que contribuiria com o dito progresso nacional e os demais deveriam ser descartados. Nesta seleção deveriam ser utilizados principalmente critérios médicos que favoreceriam o direcionamento para as indústrias, agricultura e a reprodução, promovendo

um processo de “branqueamento”.

A explicação para a aversão ao imigrante, pautado por essas violências promovidas nas denominações, pode ser expressa conforme Bauman (2017) pelo medo do estranho. O autor, inicialmente destaca que a mídia de uma forma geral apresenta notícias, manchetes e matérias com discursos que causam um pânico moral, um sentimento de medo compartilhado pela sociedade que a imigração destes sujeitos ameaçaria o bem-estar social.

Isso também é perceptivo no período do pós-Segunda Guerra Mundial. Como exemplo uma matéria do jornal *Folha do Oeste*¹¹ denominada “Assim, sim; mas, assim, também não!” Nesta matéria o Presidente do Conselho Nacional de Imigração destaca a vinda de imigrantes para suprir a carência na indústria e na agricultura:

Mas, – sempre um ‘mas’... O Sr. João Alberto encerrou a palestra no ponto nevrálgico da questão, justamente naquele em que todo o Brasil, de mão concovas ao ouvido, se apresentava para escutá-lo: Como pretende o Conselho de Imigração distribuir os ‘deslocados’ que iremos hospedar (ASSIM..., 1946, p. 1)¹².

O periódico observa com preocupação o não apontamento da distribuição dos imigrantes deslocados pela Segunda Guerra, demonstrando que há certa apreensão sobre como isso será realizado. Segundo o periódico esse seria um dos pontos mais aguardados da reunião promovida pelo Conselho de Imigração e Colonização, mas que não foi mencionado.

Além disso, a matéria do periódico *Folha do Oeste* demarca quem são os proprietários deste país: “[...] a casa,

¹¹ O jornal *Folha do Oeste* foi criado em 1937 e funcionou até o início da década de 1980. Foi o periódico com maior temporalidade do Município de Guarapuava-PR, tendo como proprietário

Antonio Lustosa de Oliveira, político das fileiras do PSD (MARIA, 2011).

¹² Preservou-se a grafia original das fontes.

porém, é nossa. Nós, é que lhes diremos quais os ‘aposentos’ em que poderão ficar” (ASSIM..., 1946, p. 1). O trecho aponta a exclusão dos imigrantes que não se encaixarem no perfil desejado pelo Estado. Há uma desumanização do imigrante¹³. A desumanização do imigrante é também apontada por Peres (1997). Segundo a mesma o discurso oficial tratava o imigrante como um objeto. Esse imigrante servia ao Estado enquanto possuísse as características que lhe interessava. O imigrante é visto pela utilidade, de acordo com sua classificação funcional, respeitando as políticas de saúde para também ser um reprodutor.

Outro aspecto apontado por Bauman (2017) são os interesses empresariais que criam esse pânico moral, pois com o imigrante se tem a entrada de mão de obra barata que pode levar o medo da perda de emprego aos nacionais. Esse imigrante sinaliza mais competição neste mercado de trabalho enxuto como se visualiza na matéria: “Agricultores italianos que desejam imigrar para o Brasil”: “De modo geral os camponeses italianos organizados em cooperativas, como associados, sujeitando-se ao trabalho assalariado ou de parceria, similar ao nosso regime de meia ação” (AGRICULTORES..., 1951, p. 2). O periódico aponta que os imigrantes pretendem trabalhar de modo parecido ao brasileiro, competindo no mercado de trabalho diretamente com o nacional.

O medo do imigrante também ocorre pelo medo do estranho, do diferente, do outro. Seyferth (2008) aponta que a categoria de alienígena foi atribuída aos estrangeiros e descendentes de imigrantes: “Alienígena, nesse sentido, não é simplesmente alguém que nasceu em outro país; é o outro, cultural e etnicamente diferente, não compartilha a mesma identidade, não é co-participante da formação nacional” (SEYFERT, 2008, p.

16). Esse medo do outro é motivado pelo desconhecido. Segundo Bauman (2017) com as pessoas que estamos acostumadas a conviver em nosso cotidiano, podemos dividi-las em amigas e inimigas, bem-vindas ou toleradas. Independentemente de como denominamos essas pessoas, sabemos como se comportar e o que se esperar dessas interações. Entretanto, sobre o imigrante se sabe muito pouco sobre ele, e não se sabe como enfrentar essa situação que não é controlada, causando ansiedade e medo.

Além disso, Seyferth (2008) destaca que alguns imigrantes eram mais temidos que outros. Após 1945 os imigrantes alemães e japoneses eram os mais temidos, os mais alienígenas. Os alemães de forma especial eram desprezados, tanto na Europa como fora dela, por estarem relacionados como causa da Segunda Guerra. Essa constatação também é apontada por Stein (2011) e Peres (1997) em suas análises. O primeiro menciona que a imprensa brasileira tinha uma preocupação em suavizar quando se apresentava a vinda de algum grupo de imigrantes com ligação aos alemães. A segunda acrescenta o judeu, além do alemão e o japonês como sujeitos mais indesejáveis. A autora aponta que esses grupos eram mais vistos como não assimiláveis, com maior dificuldade de serem incorporados à sociedade brasileira por isso acreditava-se que precisavam de vigilância.

Outro aspecto que deve ser considerado na aversão aos imigrantes é a securitização que está no discurso público em que, segundo Bauman (2017), políticos oportunistas se aproveitam e criam pronunciamentos de insegurança para os habitantes. O interesse governamental seria inserir uma condição de ansiedade aos cidadãos para ficarem em vigilância constante. Os discursos são vários, mas sempre com o mesmo objetivo:

¹³ Em outro trabalho que teve a colaboração deste autor também se destacou a desumanização do

imigrante com a denominação alienígena, assemelhando-os a um objeto (SANTOS; ALMEIDA; SCHÖRNER, 2015).

criminalizar a imigração, aliando ela aos terrorismos; apontando que todo imigrante é um terrorista. Isso de alguma forma, também pode ser visualizada no período pós-guerra especialmente com a criminalização dos imigrantes vistos como mais alienígenas.

Peres (1997) aponta que a associação de imigrantes não era bem vista, pois incentivava a preservação da cultura do imigrante. Por isso, se achava necessário uma ‘conversão’ desse imigrante e a escola era vista como uma forma de assimilar o imigrante, uma forma de controle, forma de impedir a formação de quistos raciais¹⁴. A primeira matéria mencionada neste texto do Folha do Oeste também aponta a preocupação com a formação de quistos raciais:

Conglomerados de uma só raça, com uma só crença com uma só língua, cultuando os mesmos hábitos, não tardarão em ter o seu ‘Clube’, a ‘sua’ Igreja, as reuniões ‘privadas dos seus’, e acabarem fazendo de sua colônia um prolongamento da Pátria distante! (ASSIM..., 1946, p.1).

A menção a segurança nacional também é apontada na mesma matéria: “Não somos nem devemos ser infensos a imigração, nomeadamente á europea; mas não podemos relegar também ao abandono, aspectos como esse da imigração, porque muito de perto derem os interesses da própria segurança nacional!” (Assim..., 1949, p. 1). O imigrante seria bem visto neste discurso, especialmente o europeu que necessitava de uma pátria, desde que ficasse sobre vigilância e não formasse colônias, os ditos quistos raciais.

Em outra matéria do jornal Folha do Oeste esse mesmo aspecto é mencionado:

[...] é preciso nacionalizar essa

gente, é necessário caldear as raças que para aqui vierem.

E se assim não fizermos, criar-se-ão em nosso Território [...] quistos raciais. No Entanto, a culpa dessas anomalias, esse crime de lesa Pátria, deve ser arrogada menos aos Imigrantes que à nossa própria displicencia, à incúria criminosa dos governantes (QUISITO..., 1953, p. 1).

Neste trecho, mais uma vez a imigração se aponta como um problema de segurança nacional que deve ser resolvido pelo Estado. Segundo Bauman (2017) as acusações, depreciações e calúnias levam à desumanização dos imigrantes, criando um processo de exclusão destes sujeitos não os levando a categoria de seres humanos. Diante disso, a migração vira ameaça a segurança nacional e por isso esse hóspede deve ser vigiado, pois representa o perigo, sendo considerado indesejável.

De acordo com Seyferth (2008) o próprio imigrante aceita essa condição de estrangeiro, de externo aquela realidade, de estranho, de desumano, se sentindo um hóspede. Não se reconhecendo como nacional e não pertencendo aquele espaço. Sayad (1998) também aponta essa noção de pertencimento sublinhando o paradoxo da ausência. O autor destaca que todo imigrante também é um emigrante, pois se sente ausente onde está presente (na sua terra de destino) e presente na sua ausência (na sua terra de origem). Há por parte do imigrante, sempre um desejo de retorno, entretanto mesmo que este consiga retornar a sua terra de origem ela não será a mesma, com isso, ele fica em um entremeio sem se sentir pertencido a nenhum dos lugares, nem a origem e nem ao destino.

¹⁴ Sobre a relação entre educação e (i) migração: Santos e Volupca (2015) e Santos (2017).

Considerações

É perceptivo no decorrer do texto que o fenômeno migratório está presente em todas as temporalidades, inclusive na escrita deste texto com a chamada crise migratória em que sujeitos tentam adentrar o continente europeu. Entretanto, além deste fenômeno existem outros como o oriundo da Segunda Guerra Mundial com os denominados deslocados ou refugiados.

Neste sentido, as violências promovidas contra os imigrantes, independentemente de sua temporalidade, são várias. No pós-Segunda Guerra Mundial as violências ocorriam desde o processo de seleção para acessar aos campos de acolhimento até sua chegada às novas moradas. Apesar destas violências as pessoas promoviam táticas para sobreviver ou viver com mais aceitabilidade.

Sobre essas violências também é relevante frisar os discursos que se fizeram ou se fazem contra esses sujeitos que adentraram o Brasil. A maioria dos discursos sobre os imigrantes concentram-se na exclusão, em criar um muro que separa os nacionais e os internacionais, um muro que separa/separou o eu do outro, do normal do estranho, ou ainda do alienígena. Discursos que também aceitam o ideal da seleção médica como foi apontado por Peres (1997).

As causas para a aversão ao imigrante é principalmente o medo do diferente que a imigração apresenta, construído a partir da mídia. No caso do pós-guerra essa construção é realizada pelos periódicos que colocam os imigrantes como objetos que devem ser utilizados conforme a necessidade do contratante, do Estado que acolheu esses sujeitos. Para isso o Estado também cria estratégias como discursos políticos de criminalização desse imigrante.

Além disso, na temporalidade do pós-guerra, também foi observado que

alguns grupos de imigrantes foram mais desejáveis que outros. Os grupos formados por imigrantes alemães, japoneses e judeus, são considerados mais temidos que os demais, por algumas razões como a cultura e a culpabilidade pela Segunda Guerra.

Diante disso, como somos sujeitos históricos, mas ancorados no presente alguns questionamentos devem ser feitos para finalizar este texto: Como resolver essa aversão à imigração? Como em vez de desumanizar os imigrantes, ocorrer uma humanização destes sujeitos? Campanhas de conscientização nas grandes mídias? Mas será que há interesses políticos e econômicos para isso? Essas questões representam os desafios para esse século XXI.

Referências

A Crise migratória e os muros que dividem a Europa. **Uol Notícias**, 8 set. 2016. Disponível em: < <https://noticias.uol.com.br/ultimas-noticias/ansa/2016/09/08/a-crise-migratoria-e-os-muros-que-dividem-a-europa.htm>>. Acesso em 28 ago. 2017.

AGRICULTORES Italiano que desejam imigrar para o Brasil. **Folha do Oeste**. Guarapuava, 26 ago. 1951. Centro de Documentação e Memória de Guarapuava (CEDOC/G- UNICENTRO).

“ASSIM, sim; mas, assim, também não!”. **Folha do Oeste**. Guarapuava, 11 ago. 1946. Centro de Documentação e Memória de Guarapuava (CEDOC/G- UNICENTRO).

BAUMAN, Zygmunt. **Estranhos à nossa porta**. Rio de Janeiro: Zahar, 2017.

CERTEAU, Michel de. Fazer com: usos e táticas. In: CERTEAU, Michel de. **A Invenção do cotidiano**. Petrópolis: Vozes, 1998. Vol. 1.

FALTA de terras provoca superlotação de campos de refugiados do Burundi, diz ACNUR. **Nações Unidas**, 8 fev. 2017. Disponível em: < <https://nacoesunidas.org/falta-de-terras-provoca-superlotacao-de-campos-para-refugiados-do-burundi-diz-acnur/>>. Acesso em 28 ago. 2017.

FROTSCHER, Méri. Língua, memória e identidade. Considerações metodológicas sobre histórias de vida de migrantes bilíngues. **História Oral**, Rio de Janeiro, v. 14, n. 1, 2011.

JUDT, Tony. **Pós Guerra**: uma história da Europa desde 1945. Rio de Janeiro: Objetiva,

2008.

MARIA, Maurício de Fraga Alves. **Crônicas da alta sociedade:** Discursos, representações e cotidiano nas colunas sociais do jornal Folha do Oeste (Guarapuava, PR, 1959-1964). 2011. 137 f. Dissertação (Mestrado em História) - Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista, Assis.

ORLANDI, Eni P. **Análise de Discurso:** princípios e procedimentos. Campinas: Pontes Editores, 2013.

ORGANIZAÇÃO INTERNACIONAL PARA AS MIGRAÇÕES- OIM. **Glossário sobre Migração.** Genebra: OIM, 2009.

PERES, E. P. “Proverbial Hospitalidade”? A Revista de Imigração e Colonização e o discurso oficial sobre o imigrante (1945-1955). **Acervo**, v. 10, n. 2, p. 55-70, jul/dez 1997.

QUISITO Social. Folha do Oeste. **Guarapuava, 25 out. 1953.** Centro de Documentação e Memória de Guarapuava (CEDOC/G-UNICENTRO).

MARS, Amanda. Trump assina nesta quarta decreto para construir muro com o México. **El país**, 25 jan. 2017. Disponível em: <https://brasil.elpais.com/brasil/2017/01/25/internacional/1485306667_055915.html>. Acesso em 28 ago. 2017.

SANTOS, Rodrigo dos; ALMEIDA, Marisangela Lins de; SCHÖRNER, Ancelmo. ‘Alienígenas do pós-guerra: percepções sobre os displaced persons entre 1945-1960’. In: V Colóquio

Nacional Cultura e Poder. **Anais.** Campo Mourão. 2015. p. 260- 280.

_____; LIMA, Luiz Felipe de. O uso dos jornais no ensino: uma reflexão sobre imigração pautada no jornal Folha do Oeste e uma proposta de aplicação no Curso Pré-Vestibular Unicentro. In: Colóquio de Ensino de História da UNICENTRO. **Anais...** 2015. p. 1-10.

_____. “Aprender a nossa língua vernácula”: a imigração e educação (rural) no Folha do Oeste (1946-1960). **Revista Brasileira de Educação do Campo**, v. 2, n. 1, p. 275-293, jan/jul. 2017.

_____; VOLUPCA, Thalitta Correa. O diálogo entre Educação Rural e Migração em Guarapuava (1940-1950). In: MELO, Alessandro (Org.). **Educação e sociedade em Guarapuava:** cenários da pesquisa. Curitiba: CRV, 2015, p. 159-170.

SAYAD, Abdelmalek. **A imigração ou os paradoxos da alteridade.** São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1998.

SEYFERTH, Giralda. Imigrantes, estrangeiros: a trajetória de uma categoria incomoda no campo político. In: 26ª Reunião Brasileira de Antropologia. **Anais da 26ª RBA.** 2008. p.1-20.

SHEPARD, Ben. **A longa estrada para casa:** restabelecendo o cotidiano na Europa devastada pela guerra. São Paulo: Paz e Terra, 2012.

STEIN, Marcos Nestor. **O oitavo dia:** produção de Sentidos Identitários na Colônia Entre Rios - PR (segunda metade do século XX). Guarapuava: UNICENTRO, 2011.